

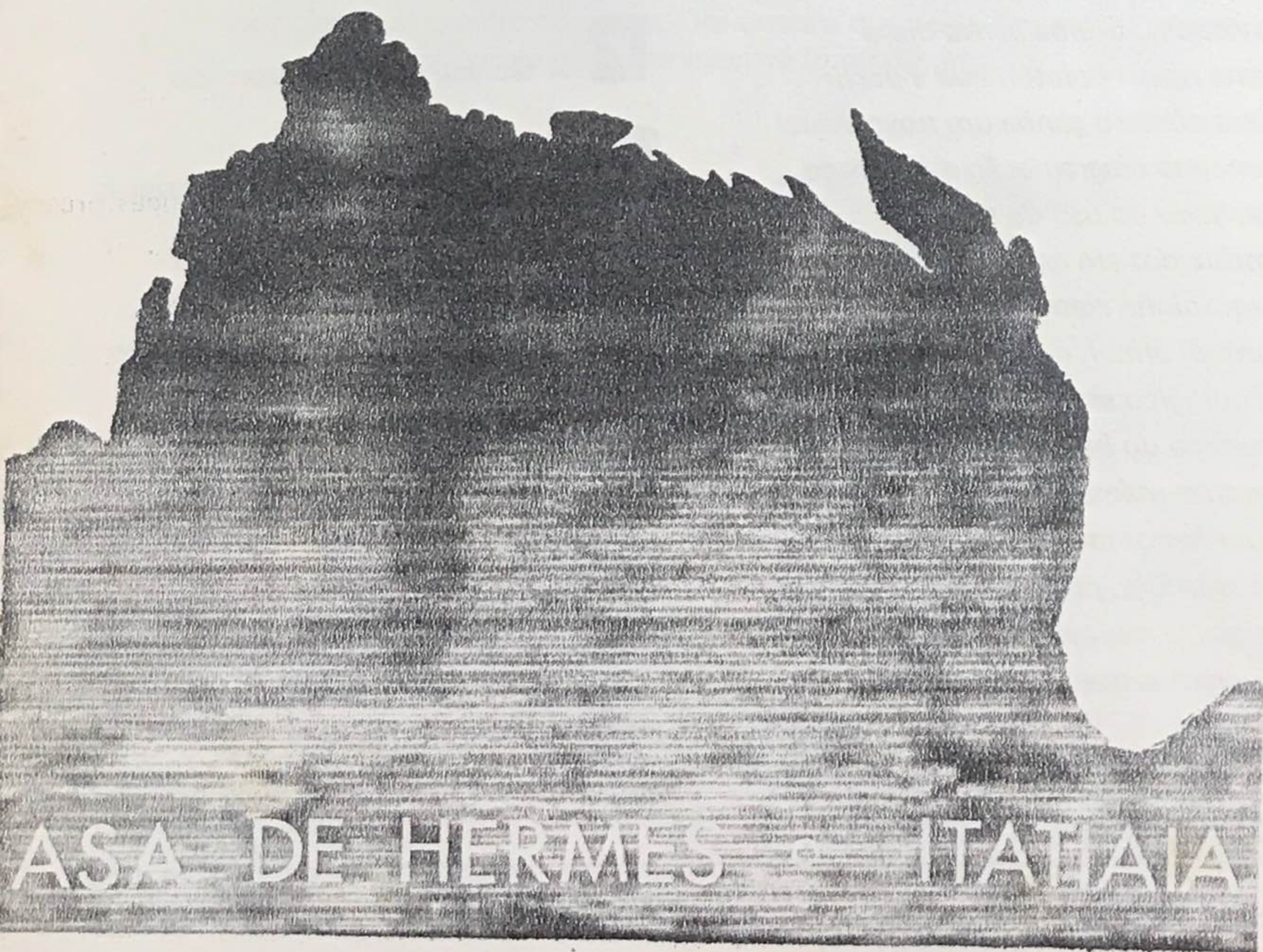


BOLETIM INFORMATIVO DO

cerj

Nº 472 ANO 43 SET 1981

Centro Excursionista Rio de Janeiro



ASA DE HERMES ITALIAIA

Jacaré parado ... vira bolsa

"Jacaré parado vira bolsa" diz a máxima popular, e o CERJ, ainda mais por ser uma entidade que luta por uma consciência ecológica, não quer que isso aconteça.

E por isso, não paramos — vamos sempre em frente, procurando progredir cada vez mais em nossas atividades. E uma prova disso é este nosso boletim que a partir deste número ganha um novo visual com uma diagramação mais limpa, resultado do uso de textos produzidos em composer, uma maquininha eletrônica infernal, porque, afinal, o progresso tecnológico está aí para se pôr a serviço do homem.

Em suas mãos o boletim CERJ — aguardamos críticas, sugestões, reclamações, palpites, mão-de-obra, artigos, e muitas cartas.

Esperamos que vocês gostem.

A Diretoria

NESTE NÚMERO

2 Editorial

3 O que é Ecologia

6 Sem Nome (informes)

8 H. D. Thoreau:
Um homem do futuro

10 ???

11 CERJ a todo vapor

12 A técnica das fitas expressas

14 Energia alternativa: biodigestores

15 Aniversariantes/Livros/Cartas

DIRETORIA DO CERJ

Presidente: Claudinho
Vice-Presidente: Etzel
Secretária: Cida
Diretora Social: Lucia
Diretor Técnico: Vavá
Primeiro Tesoureiro: Elton
Segundo Tesoureiro: Rothier
Diretor de Propaganda: Sayão

O que é ecologia

a ciência que deu o "sinal de alarme"

Nos últimos anos, jornais, rádio e televisão passaram a dedicar um tempo cada vez maior para divulgar o processo contínuo de uma crise: a crise ecológica. As informações foram se acumulando:

escapamentos de carro produzem câncer; o desmatamento modifica o clima de regiões inteiras; os peixes estão morrendo, envenenados por mercúrio.

Haveria algo de comum a notícias sobre fatos de natureza tão diversa?

A linguagem jornalística, por sua vez, aumenta ainda mais a confusão já existente. Mal o cidadão aprendeu que poluir significa lançar produtos nocivos no ambiente,

as manchetes passam a falar de "poluição visual", querendo com isso dizer apenas que há muitos cartazes e objetos antiestéticos pelas ruas.

A crise ecológica, entretanto, é real. E muito séria.

O que falta é informação básica, para que todos possam integrar essas notícias num quadro coerente. Um quadro que dê as dimensões exatas do problema, sem exagerá-lo ou diminuí-lo.

A palavra ECOLOGIA foi criada em 1869 pelo biólogo alemão Ernst Haeckel, que a formou reunindo as palavras gregas OIKOS (que se transformou no prefixo "eco") e LOGOS (que deu em português o sufixo "logia"). Oikos, ao pé da letra, quer dizer "casa" e, num sentido mais amplo, "ambiente", "local onde se vive". Logos traduz-se por "ciência" ou "estudo". Assim, Ecologia significa "ciência do ambiente" ou, para ser mais preciso, "a ciência das relações entre os organismos e o ambiente em que vivem".

Mas os ecólogos modernos preferem defini-la como ciência que estuda os ecossistemas.

OS ECOSSISTEMAS

O que é um ecossistema? É todo conjunto formado por um ambiente inanimado (solo, água, atmosfera) e os seres vivos que o habitam. Assim, lagoas, pradarias e mares são "ecossistemas". E todos eles por mais diversos que sejam possuem estrutura e funcionamento semelhantes. Tomemos por exemplo, uma lagoa e uma pradaria, coisas aparentemente muito diferentes. Ambos, entretanto, possuem vegetação: grama no caso da pradaria e algas nas lagoas. O corpo dos vegetais é construído a partir de moléculas de água e dióxido de carbono (CO₂), reunidas pela utilização da luz solar, no processo co-

nhecido como fotossíntese. Ou seja: em todos os ecossistemas existe um tipo de seres vivos — as plantas — que fabrica seus alimentos a partir da porção inanimada do ecossistema. É, em todos os ecossistemas, há ainda um outro grupo — o de animais — *incapaz de fazer isso*. Certos peixes da lagoa comem algas, e os insetos ou roedores das pradarias comem grama. Já os carnívoros não se alimentam diretamente de vegetais, mas comem bichos que se alimentam de vegetais. De qualquer forma, os animais são sempre consumidores de algum alimento vegetal.

Em última análise, o alimento vem sempre da parte inanimada do ecossistema: dióxido de carbono (CO₂), água, luz solar e sais minerais que as plantas retiram do solo.

Além de serem fabricantes de alimento, as plantas têm outro papel básico em todos os ecossistemas: são os produtores de oxigênio.

Se bem que poucas pessoas imaginem isso, TODO o oxigênio da nossa atmosfera (sem o qual não respiraríamos) é produzido por vegetais durante o processo da fotossíntese

Os ecossistemas são equilibrados, isto é, consomem regularmente certa quantidade de dióxido de carbono, luz e água, e produzem um volume determinado de oxigênio. Qualquer mudança na entrada ou saída deste elementos logo se reflete no equilíbrio do sistema, alterando a produção de alimentos e de oxigênio.

VISÃO ECOLÓGICA DO MUNDO

Até certo tempo atrás, o homem acreditava que podia interferir no planeta à vontade. Aos poucos, porém, percebeu que os subprodutos de sua indústria, aos destruírem os vegetais, diminuía a quantidade de alimento dos ecossistemas e baixavam a produção de oxigênio. E que, matando indiscriminadamente insetos com inseticidas impedia muitas plantas de se reproduzirem, tendo como resultado um massacre das aves que vivem daquelas plantas. A morte das aves trazia, por sua vez, novas alterações ao ecossistema atacado. Uma cadeia sem fim.

Cada espécie viva, desde o mais humilde inseto, tem o seu papel no funcionamento do ecossistema em que vive. Se esta espécie for suprimida, o ecossistema mudará. Exemplo: quase todo vegetal que se reproduz através de flores necessita de alguma espécie de inseto para fazer a polinização. Se este desaparecer, a espécie vegetal também se extinguirá por incapacidade de auto-reprodução.

Os esgotos das grandes cidades, os gases das fábricas, o uso irracional da adubação e mais uma infinidade de práticas (cujos efeitos alteradores só começamos a perceber agora) — tudo isso modifica o equilíbrio dos ecossistemas.

Como impedir que as pradarias e bosques que cercam as cidades não se transformem em desertos, que os peixes morram em massa e, ao mesmo

tempo, manter as vantagens da produção industrial? Aí está o verdadeiro problema.

Algumas previsões dos ecólogos são arrepiantes. E todas elas apresentam um argumento comum:

“Se as coisas continuarem assim. . .”

SOMOS TODOS ECÓLOGOS

Neste momento, é muito natural que nos ocorra outra pergunta? O que fazer? E, sobretudo, quem pode saber com certeza? Em outras palavras, qual o grande ecólogo que irá descobrir uma “fórmula” para salvar a humanidade?

A esta última questão, a resposta é: SOMOS NÓS. Porque a Ecologia não é uma ciência como as outras: os especialistas somente não bastam. Eles precisam do auxílio de todos.

Embora muito se fale em poluição do ar produzida pelas fábricas, a verdade é que pouco se sabe. A cada dois meses uma nova substância cancerígena é descoberta entre os venenos que respiramos.

Pode ser ecólogo o engenheiro que, ao projetar um dique, investiga as conseqüências da construção, sobre o meio ambiente. É ecólogo o industrial que emprega capitais para dotar sua indústria de depuradores (por sinal, um bom negócio a longo prazo, pois uma população de semi-envenenados não forma boa clientela). Em suma, todos podem ser ecólogos e esforçar-se para fazer seu comportamento em novos critérios.

Enquanto os homens eram poucos sobre a Terra, que lhes parecia tão grande, podia-se continuar buscando o interesse imediato. Hoje, porém, os cálculos da ONU prevêem para o ano 2.050 uma população mundial de sete mil milhões, exatamente o dobro do que éramos em 1970! Em menos de 3 séculos nossa população quintuplicou-se. A concentração de gás carbônico na atmosfera terrestre estava em 300 unidades por milhão agora no início da década de 80 e estará em 400 unidades por milhão no ano 2.000, crescendo vertiginosamente daí em diante. Toda a ciência dá o alarme! A biologia, a química, a botânica, a oceanografia, a sociologia e a história, grandes cientistas como Einstein, sertanistas como os Villasboas, Lutzemberger e sua cruzada ecológica, todos afirmam:

Ou tomamos consciência do fato de que adquirimos o poder de destruir o mundo através da violência indiscriminada à natureza e ao futuro, ou nossos descendentes não viverão para contar a história!

Este artigo é uma adaptação livre de matéria publicada na revista Conhecer onde encontramos farto material sobre ecologia e vida natural. A linguagem é acessível sem ser superficial. Recomendamos a leitura. A partir deste número, traremos sempre bons artigos sobre ecologia esclarecendo a todos sobre os reais perigos da poluição. Só uma visão ampla, de amplo campo e de profunda da questão nos levará a consciência necessária sobre o assunto.

SEM NOME!?

Esta coluna está com um sério problema: ainda não tem título. Como vocês podem observar ela tratará de vários assuntos em pequenas notas: recados, reclamações, informes rápidos, utilidades, etc, etc, etc. Queremos ampliá-la de modo a que todos participem. As notas seriam assinadas. Esse estilo de coluna foi criada no Pasquim (As Dicas) e revelou-se uma das boas invenções da imprensa brasileira. Hoje todas as publicações tem um espaço para ela. No Luta & Prazer, um novo jornal que está nas bancas, um nome genial: Espalhafato. Precisamos de sugestões para a nossa. Já temos: Varejão, Geral, Burundangas, Fatos & Atos (argh!) e, e...?

CONTAMOS COM A SUA PARTICIPAÇÃO

Um boletim informativo e representativo de um clube se faz com a participação de todos. Venha, junte-se a nós na construção de uma publicação forte e atuante.

ELEIÇÕES NO CERJ

Dia 6 de novembro, em Assembléia Geral Ordinária, será eleito o Conselho Deliberativo do CERJ. Contamos com a presença de todos. No dia 4 de dezembro será a reunião do Conselho Deliberativo.

ATENÇÃO, ATENÇÃO! PRECISAMOS DE UMA ENCERADEIRA

O CERJ está precisando urgentemente de uma enceradeira para a sua faxina periódica. Quem se habilita?

MONOGRAFIAS SOBRE OS PARQUES BRASILEIROS

Recebemos de companheiro Ronaldo Wyn Wegner, um de nossos guias, uma coleção de Monografias sobre os Parques Brasileiros: Brasília, Sete Cidades, Caparaó, Monte Pascoal, Amazônia (Tapajós), Iguaçu, Itatiaia e Aparados da Serra, além de Ubajara. Muito obrigado, Ronaldo.

(Santa Cruz)

ESTE É O COGUMELO QUE QUEREMOS

A frase acima ilustrada por "nossos singelos e bucólicos cogumelos naturais" é o título de uma excelente matéria de Cê Ralph e Lea Montenegro sobre os perigos das usinas nucleares, que você não deve deixar de ler em Rádice — Luta & Prazer, um senhor jornal recém saído do forno. Procure.

ALPINISME ET RANDONNÉE E PRECISAMOS MAIS

Já recebemos Alpinisme et Randonnée enviada de Paris. Consultas na Biblioteca. E por falar nisso, se você tem livros e revistas sobre alpinismo, montanhismo, ecologia e vida natural, e se quiser gentilmente oferecer à nossa biblioteca, mesmo que sejam publicações antigas teremos o maior prazer em recebê-las. Vamos ampliar a nossa biblioteca e torná-la ágil e utilitária!
(Mário Arnaud)

O SUMIÇO DO ESPELHO

Espera-se que, de sócios de uma entidade que congrega apreciadores do montanhismo, alpinismo e da vida ao ar livre, mais que uma consciência ecológica, coisa evidente, exista o respeito ao próximo e portanto ao seu clube. Mas, parece, não é o que se verifica ao tomarmos conhecimento do desaparecimento do espelho do banheiro da sede do CERJ. À pessoa responsável por tal ato, os nossos pêsames.

(Maria)

RECADO PARA LUIS PAULO

Alô, alô Lupa!

Nossa biblioteca espera ansiosamente pela sua presença. Só com você conseguiremos dar ordem ao caos reinante em nosso acervo.

(A Diretoria)

MUDAR REUNIÕES PARA QUINTA

A mudança das reuniões para quinta-feira só apresenta vantagens. As duas principais são: para os que ficam na cidade, a possibilidade de programarem alguma coisa para sexta-feira à noite — um cinema, uma festa, um baile. Para os que acampam ou escalam, o fato de terem mais um dia para preparativos ou mesmo de saírem na sexta-feira à noite, os que trabalham; e à tardinha ou durante o dia os que podem. Colocamos em discussão esse assunto. Apresente sua sugestão.

(Egeu)

BALÕES E BALÕES

Quem vê um balão tão bonito no céu, não imagina o potencial destrutivo que ele leva em seu bojo. E o que era apenas um pesadelo que atormentava as noites frias das épocas juninas, parece que se alastrou e estamos no auge da mania de soltar balões. E com isso, já não se ouve falar mais em "Balão no céu, perigo na terra", e os baloeiros, no aparentemente inocente ato de soltar balões estão contribuindo para a devastação de nossas florestas.

Será que os baloeiros com a sua demonstrada capacidade criativa não poderiam usar suas energias para outras atividades menos danosas a seus descendentes?

(Santa Cruz)

A CONVIVÊNCIA PACÍFICA COM A NATUREZA

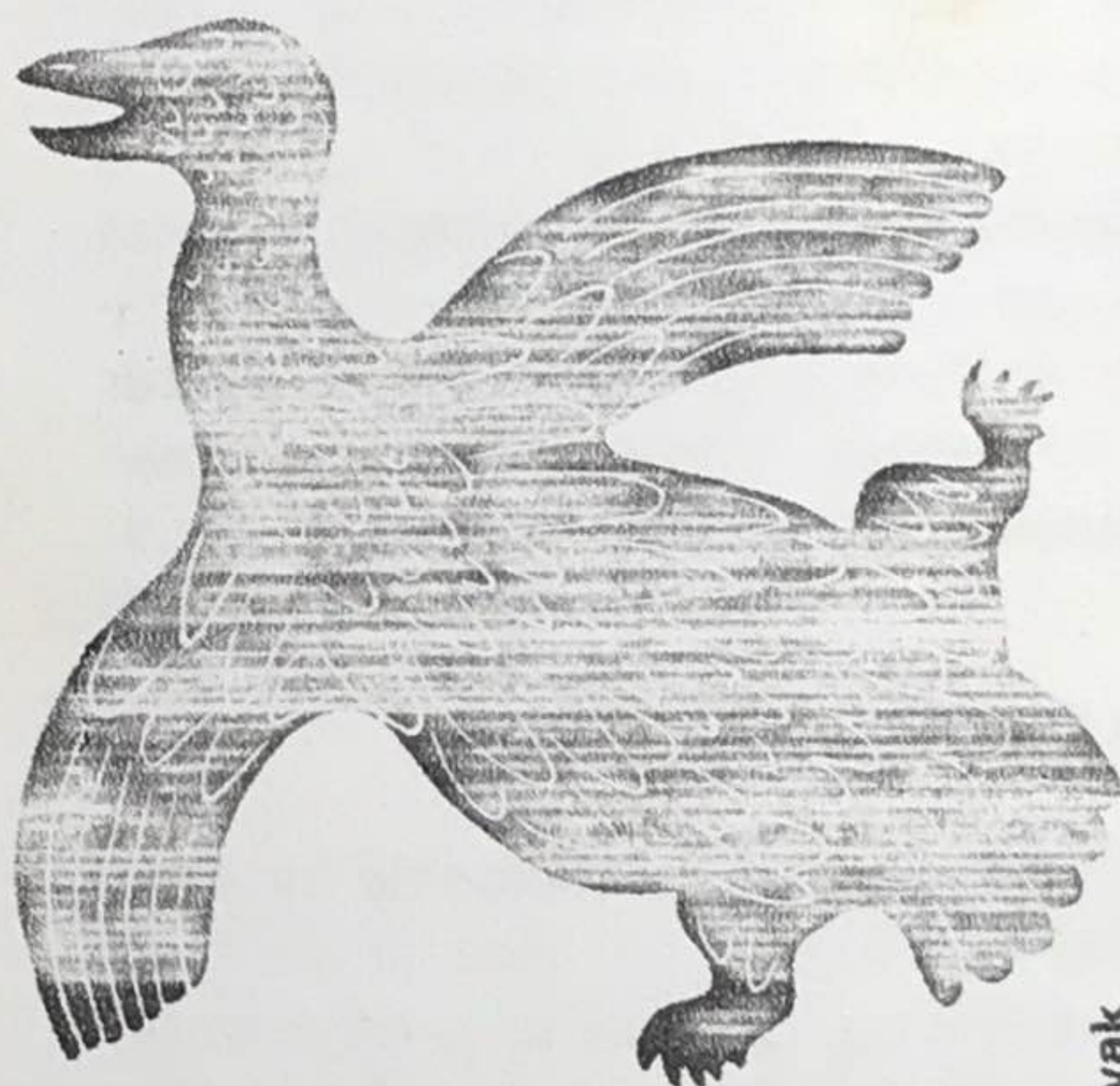


Henry David Thoreau, nasceu em Concord, Massachussetts. Seu pai era um fabricante de lápis. Graduou-se em Harvard em 1837 e mais tarde juntou-se ao pai em seu negócio. Mas logo perdeu o interesse pelos lápis. Foi jardineiro, conhecedor profundo de árvores, carpinteiro, agrimensor e outras profissões. Mas em nenhuma dessas profissões trabalhou muito tempo. Sua teoria de vida era trabalhar o menos possível — não que fosse preguiçoso, mas porque desejava fazer coisas mais importantes que ganhar e gastar dinheiro.

E Thoreau não somente pregou seu credo: viveu-o.

Em 1845, retirou-se de Concord e passou 2 anos e 2 meses, às margens do Lago Pond, numa cabana construída com suas próprias mãos. Durante esses dois anos, simplificou suas necessidades a um ponto que, seis semanas de trabalho eram suficientes para sua sobrevivência.

Da sua experiência veio em 1854, seu livro mais famoso: WALDEN ou A VIDA NA FLORESTA. Nesse livro ele relata suas experiências com minúcias suas experiências mais interessantes na floresta, e de forma intensa, a fecunda vida selvagem da zona canpestre do Massachussetts.



Kalvak

Thoreau amava a natureza, a vida ao ar livre. Os seus livros refletem esse fascínio que tinha pela natureza.

Da idade de vinte anos até sua morte, Thoreau escreveu detalhadamente diários de seus pensamentos, experiências realizadas sobre suas caminhadas nas florestas e observações sobre a natureza.

Além de WALDEN, Thoreau publicou em vida, somente um outro livro: *A week on the Concord and Merrimack River* (1849). Somente uns mil volumes foram impressos, mas, depois de quatro anos, setecentos ainda não haviam sido vendidos, e foram devolvidos a Thoreau. Ele alegremente disse:

"Tenho agora uma biblioteca de quase novecentas obras do que eu mesmo escrevi. Não é interessante que o autor deva contemplar o fruto do seu trabalho?"

Eu tenho um encontro com a primavera. Ela chega à janela para me acordar, e saio uma hora ou duas mais cedo que de costume.

Há vários exemplos da originalidade e autenticidade de Thoreau. Ao se graduar em Harvard, recusou o diploma, porque achava que ele não valia a taxa de 5 dólares que teria de pagar. Em outra ocasião, ao recusar pagar a taxa de eleitor, porque o governo considerava a escravidão legal, foi preso. No dia seguinte, membros de sua família pagaram a taxa para ele ser solto.

Os seus livros são verdadeiros ensaios sobre desobediência civil, onde não escapam a seu crivo irônico, a igreja, os políticos, e os progressos tecnológicos da época como o trem e o telégrafo.

Se o dia e a noite são tais que você os receba com alegria, e a vida emita uma fragrância como o cheiro doce das ervas — ela é mais elástica, estrelada e imortal — esse é o seu sucesso.

Emerson, famoso pensador e escritor norte-americano — era amigo íntimo de Thoreau, e dele é a melhor síntese do caráter de Thoreau:

"Ele não se criou para nenhuma profissão, nunca casou, viveu sozinho, nunca foi à igreja, nunca votou, recusou-se a pagar taxas ao estado, não comia carne, não bebia vinho, nunca conheceu o tabaco; ainda que fosse um naturalista, nunca usou armadilhas ou espingardas. Ele escolheu para si ser o solteirão do pensamento e da natureza".

Thoreau foi umpensador original e independente, um rebelde nato contra todas as organizações e rotinas, foi filósofo, poeta e naturalista ao mesmo tempo.

Seus pensamentos continuam com o mesmo frescor da beleza para aqueles que acreditam na individualidade, aqueles que são contra a massificação do homem e principalmente para aqueles que amam a natureza.

E por fim essa jóia de pensamento que resume bem o caráter de Thoreau:

"Fui rico, não em dinheiro, mas em horas ensolaradas e dias de verão — e gastei-os generosamente".

Este artigo foi escrito por Helio Paz, a partir da leitura dos livros de Thoreau, de quem Hélio é grande admirador. A ilustração é uma xilogravura de um esquimó de nome Kalvak e chama-se "A Dança do Sol".

Você encontrará na página 15 uma relação dos livros de Thoreau que podem ser encontrados na Biblioteca Nacional. "Walden ou A Vida na Floresta" foi editado em formato bolso pelas Edições de Ouro e deve custar bem barato além de ser o livro mais importante de Thoreau.

DENISE EMMER EM PRODUÇÃO INDEPENDENTE

Estarão à venda na sede do CERJ exemplares do mais recente lançamento de Denise, muita música numa gravação genuinamente independente, um processo de produção que cresce cada vez mais, já que a mentalidade estritamente comercial das gravadoras só faz é afastar os criadores descompromissados com \$\$\$ e que tentam fazer verdadeiramente um bom trabalho (No entanto, não se pode, por causa disso, morrer de fome. Vamos comprar o disco da Denise!).

Eis uma amostra da poesia de Denise Emmer:

SÁBIA NATUREZA

Quando você vir uma montanha
Acredite na sua palavra
palavra de quem jamais traiu
de quem nunca derramou seu sangue
nunca guerreou com outros montes
mais altos ou mais baixos que ela
e a natureza é sentinela
com suas vertentes colinas
É, é...

E é mais sábia a natureza (bis)
Oh! Sabiá

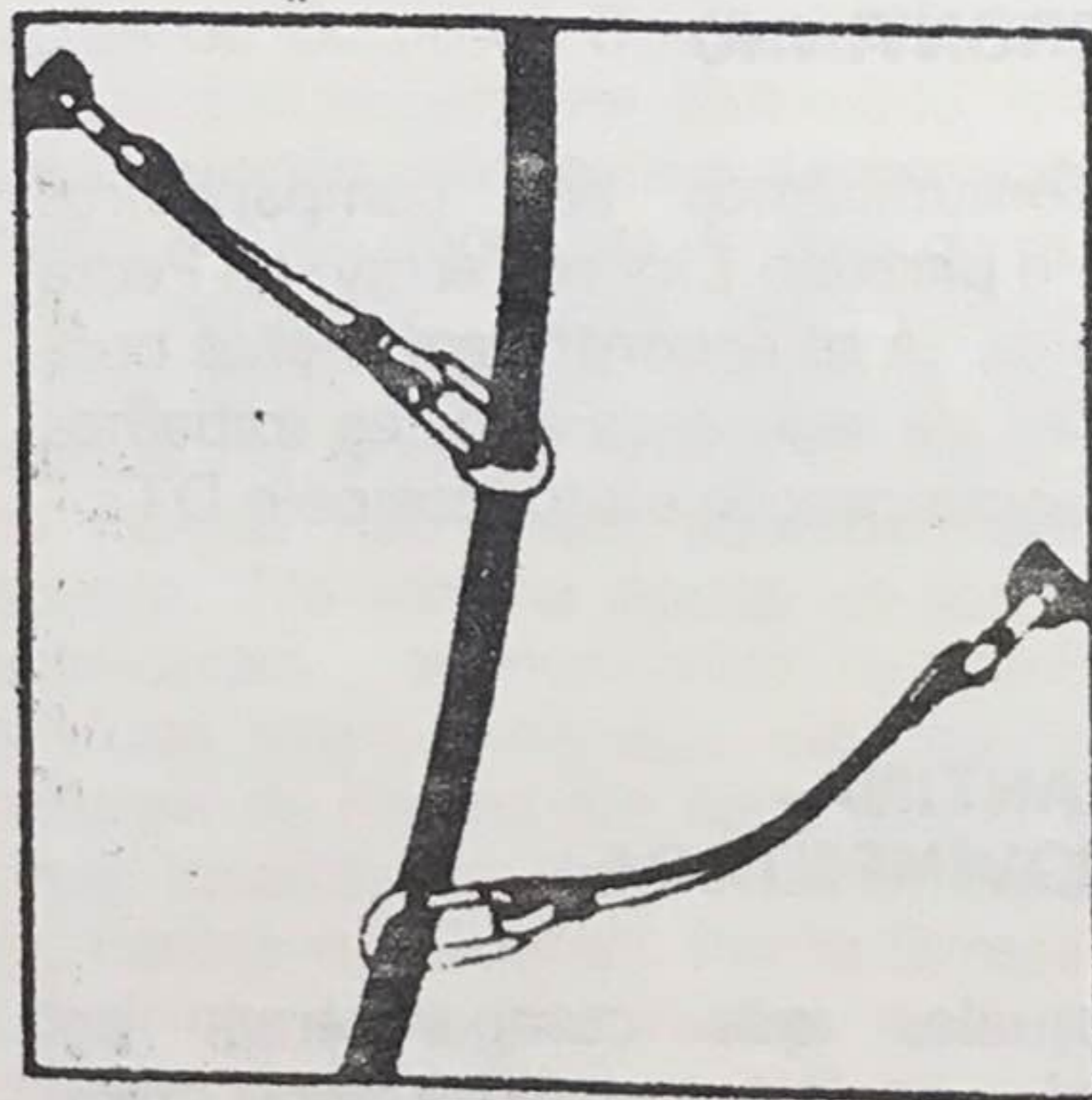
As montanhas do mundo não reclamam
vivem satisfeitas com o que têm
com o gorjear das gaivotas
e o assoviar da ventania
e pensando bem para que ter mais
para que viver em correria
eternamente atrás do pote
na lei do homem

só vai quem pode mais
E é... mais sábia a natureza (bis)

A Técnica

POR HEIN R. KORPERSHOEK

Nas escaladas extremas de Yosemite, California, foi desenvolvida uma técnica para manusear as fitas de amarração de uma maneira rápida e segura, uma técnica que aqui ainda parece ser desconhecida e que, de qualquer modo, merece maior divulgação. Trata-se da "Quick Draw" ou "Rapid Runner Technique", ou Expressschlingentechnik" em alemão (sim, escreve-se mesmo assim, com ssschl...).

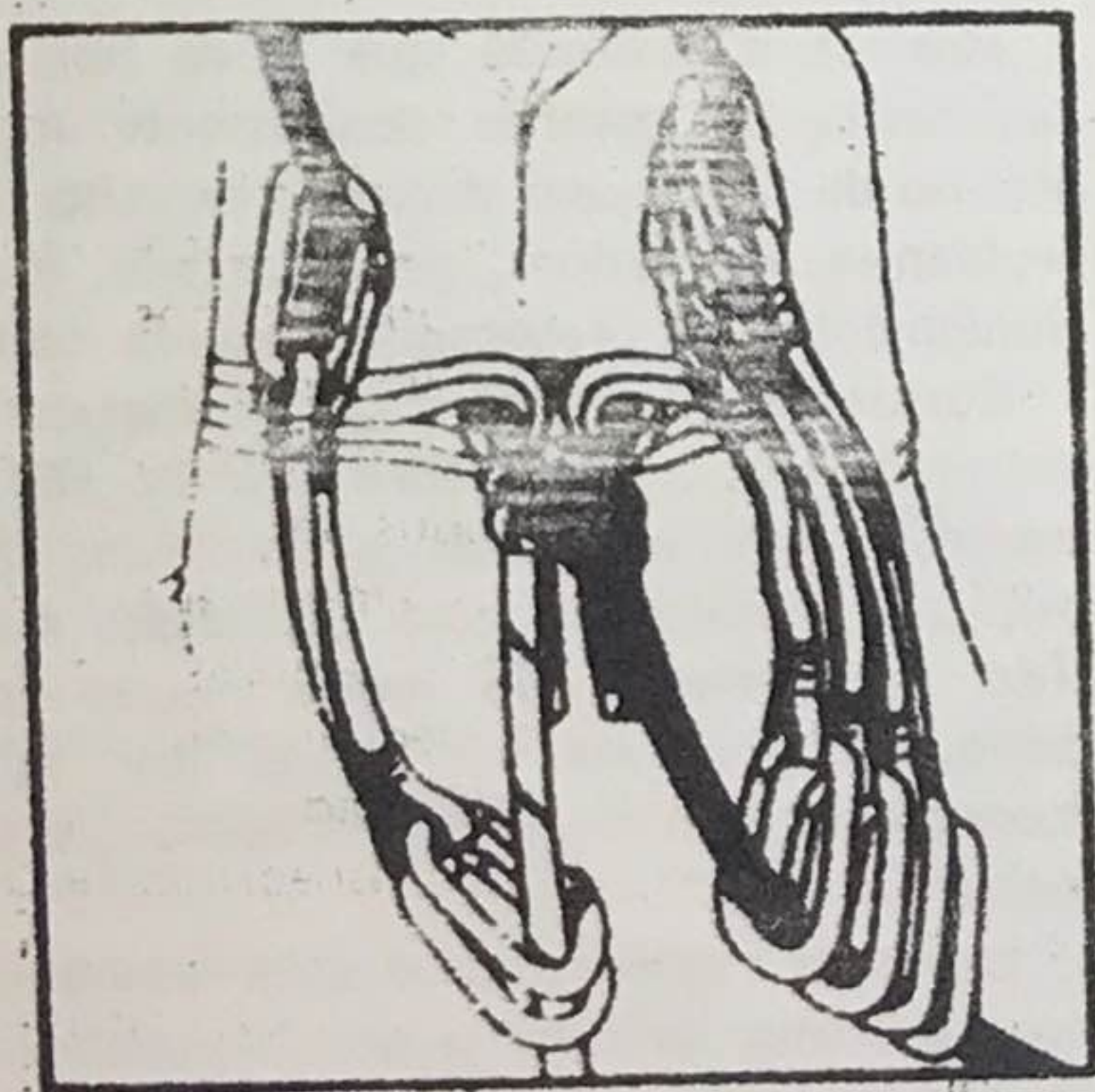


De fato, é uma técnica simples e bem lógica, um verdadeiro ovo de Colombo, que leva uma pessoa a duvidar da sua sanidade mental por nunca ter pensado em uma coisa destas.

das Fitas Expressas

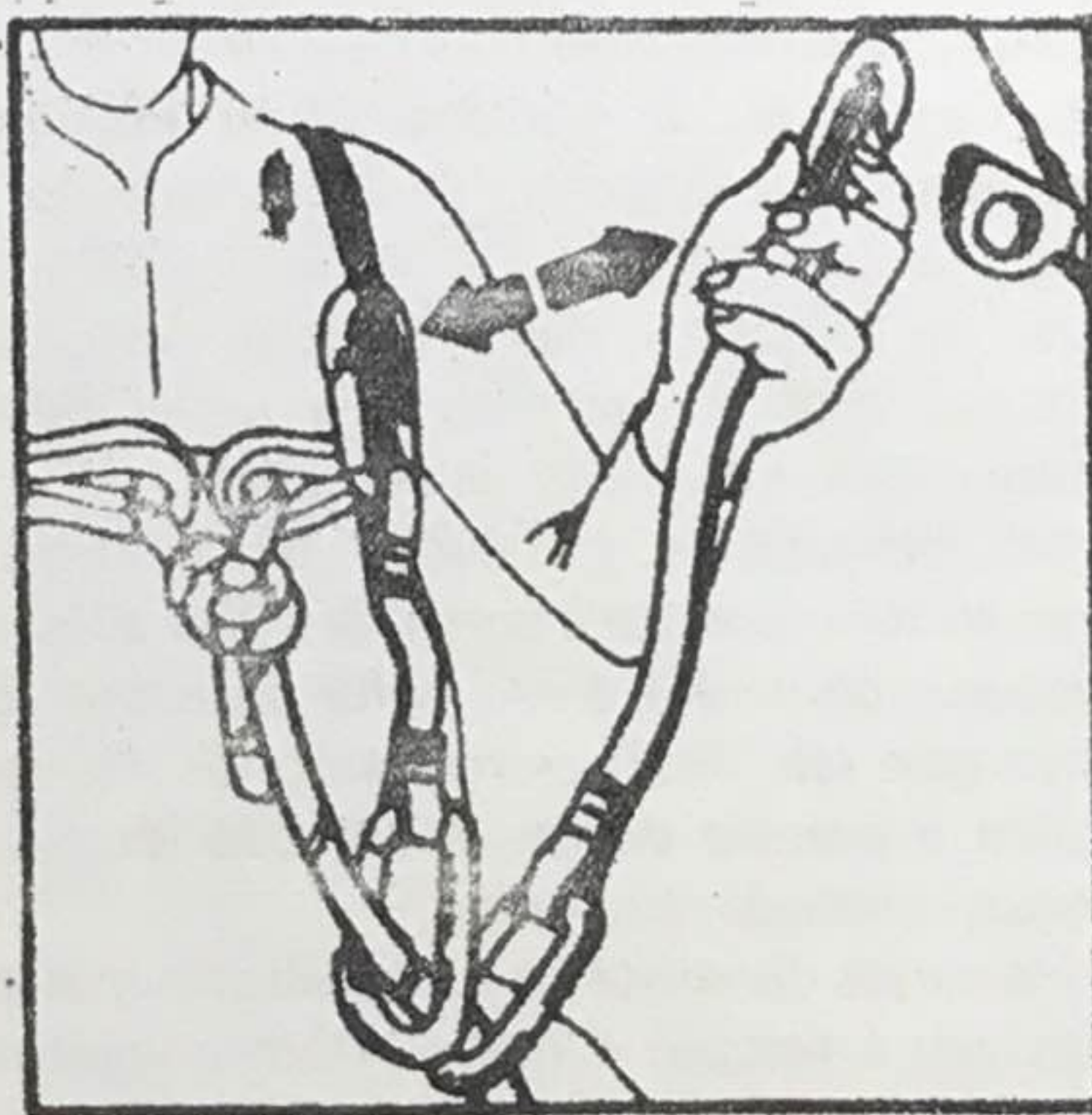
Todo escalador, conhece aqueles momentos críticos quando, finalmente chegado ao grampo após um lance difícil e ficando numa posição impossível, num equilíbrio delicadíssimo, deve puxar a fita, que leva em volta do pescoço ou em diagonal no peito, por cima da cabeça e fixá-la com um mosquetão ao grampo e com outro à corda, para somente depois, poder respirar aliviado.

Na nova técnica, que inclusive pode ser aplicada em escaladas à corda dupla, prepara-se as fitas antes do lance, cada uma com dois mosquetões já costurados, fixando um à corda e outro ao baudrier ou a uma aselha que se leva em volta do pescoço. Chegando ao fim do lance, basta soltar o mos-



quetão do baudrier (ou da aselha) e engatá-lo no grampo, e pronto, a costura está feita. (Veja as figuras).

Já experimentei esta técnica em várias escaladas, com resultados excelentes. No entanto, verifiquei que as fitas não devem ser demasiadamente compridas e devem ser fixas ao baudrier, ou à aselha, num ponto bem alto, logo abaixo do braço. De outra maneira, a outra ponta da fita, pelo peso do mosquetão e da própria corda, fica bem baixo e pode interferir com o movimento dos joelhos.



(Lit.: Hermann Huber — *Bergsteigen heute* (Bruckmann, München, 1978, pp. 163-164); Edelrid - *Bergausrüstung 1980/81* p. 14; Edelrid - *Seilkunde* sem data, pp. 89-92).

biodigestores

Lembram-se das fossas cavadas no quintal das casas (no tempo em que haviam quintais?). Pois com pequenas adaptações, temos ali a mais barata fonte de energia que se pode conseguir na atualidade.

Energia retirada do lixo, detritos orgânicos, estrume, madeira, dejetos humanos e de animais. A idéia é simples: deixando todo esse lixo orgânico junto com água em um local fechado, depois de um certo tempo, essa massa produzirá o gás metano, que pode ser usado como o gás de cozinha, servindo portanto, para cozinhar, aquecer a água do banho e acionar geradores de eletricidade.

Trinta por cento da energia da China é obtida hoje através de seus sete milhões de pequenos biodigestores, que é o nome técnico dessa maravilhosa casinhola de guardar estrume. Em 1936, o cientista Zhou Peyuan desenhou uma "unidade de biometanação", para produzir o gás a partir de biomassa e água. A execução desse projeto permitiu iluminar toda a sua província natal, num equipamento que funciona até hoje!

No entanto, a instalação de biodigestores só tomou vulto a partir de 1950 após a revolução chinesa, e o seu maior problema só foi sanado em 1968: os reservatórios não resistiam a pressão do gás. A solução foi usar várias paredes de concreto.

Há vários desenhos de biodigestores mas o princípio é sempre o mesmo: lixo e dejetos mais água.

No campo, o lixo é rico, pois engloba materiais dos vasos sanitários, chiqueiros, galinheiros, estábulos e cozinhas, além do que mantém sempre limpo esses lugares, facilitando o trabalho. Nada de incineradores, lixeiras e saquinhos plásticos.

Cada digestor custa hoje para uma família chinesa o equivalente a 30 dólares, o que é

quase de graça, pois uma bicicleta está custando 100 dólares.

Na Índia os digestores não são residenciais como na China: eles atendem a vilas, comunidades e cidades inteiras. Há hoje cerca de 80 mil usinas de biogás naquele país, com grande capacidade, num plano que pretende se expandir ainda mais, coordenado pelo governo.

O potencial da biomassa é equivalente ao triplo da utilização total da energia do mundo. Ao lado dos ventos, da energia solar, das marés, e outras fontes alternativas, constata-se sem dúvida, sua importância vital, com muito mais vantagens econômicas e de instalação.

Algumas instituições brasileiras como a UFRJ desenvolvem biodigestores de médio porte. No entanto, é necessário, desde já, que se crie uma consciência da necessidade de se procurar fontes alternativas de energia, pois estamos perdendo tempo. Se há anos atrás, quando do início da crise do petróleo, tivéssemos encarado com seriedade o problema e desde então desenvolvido, por exemplo, o projeto do álcool, e se, antes ainda, tivéssemos uma visão voltada para o futuro, teríamos hoje um país auto-suficiente em termos energéticos.

Mas, se a confusão que cerca hoje as decisões de um governo inconsistente, impedem-no de tomar uma decisão a respeito dos problemas energéticos, podemos nós, individualmente, ir preparando alguma coisa.

Cursos sobre técnica de biodigestores estiveram sendo ministrados aqui no Rio e cremos que outros mais ainda serão. Um pequeno biodigestor para utilização num sítio ou fazenda, não requer muito trabalho. Poderia até ser usado por uma cooperativa com fins mais específicos e de médio porte.

Isso sem esquecermos o aproveitamento do riquíssimo fertilizante que o biodigestor também produz.

O importante é saber que o futuro já chegou!

ANIVERSARIANTES DE SETEMBRO

2 — Gunther Buchheister; Alessandra Maroni Mendes. 3 — Waldinar Santos de Menezes; Phyllis B. Strickland. 4 — Anna Müller Hagedorn. 6 — Irene Capillé; 7 — Guaraci Carreiro Pessoa. 8 — Rudolf Moser. 10 — Carlos Russo; Ilara Dias Paim Cunha; Paulo Sergio Gouveia; 11 — Doralice Coimbra; Claudia Maria Carvalho. 12 — Francisco de Barros; Lucia Regina Flores Ferreira; Rodolpho Kern; Danielle Vincenti. 13 — Etzel Rotter Von Stockert; Wallace Mendes de Sá. 14 — Giuseppe Pellegrini; José Bezerra Garrido; Selmo Domingues de Souza; Carlos Alberto Guimarães Machado. 15 — Haroldo Sprenger; Karl Robert Ingwersen; Onofre de Andrade Martins. 16 — Gerhard Weig. 17 — Francisco Igreja Gonçalves. 19 — Acyr Bruggeman G.L. e Silva. 20 — Claudio Leuzinger; Mario de Araujo Mota. 21 — Tarcy Fernandes da Silva; Thales de Garica Paula. 25 — Luiz da Silva Espíndola; Ilydio Diniz Filho. 26 — Cristiano Requião. 28 — Marcelo Dias Vianna Braga. 29 — Arnaldo Labatut Simões.



cartas

Recebemos correspondência da Rádio Capital colocando a nosso dispor o informativo "Capital — Agenda Social" produzido por José Sant'Anna, para veicularmos informações que forem de nossa vontade. Obrigado a José Sant'Anna e a Rádio Capital.

Livros

A partir deste número, esta coluna trará uma relação das publicações que acreditamos seja do interesse dos associados do CERJ. Livros, jornais, revistas e edições diversas que tratem de campismo, montanhismo, alpinismo, ecologia e seus assuntos correlatos como cartografia, botânica, biologia, meteorologia, energia alternativa, e outros temas que possam interessar ao leitor do Boletim CERJ.

AQUI

OS LIVROS DE THOREAU

A Biblioteca Nacional possui obras de e sobre H. D. Thoreau. Eis a relação: *A Desobediência Civil e outros ensaios* com tradução de José Paulo Paes, da Ed. Cultrix, 1968, 130 pág.; *Escritos Seleccionados sobre Natureza e Liberdade*, com tradução de Aydano Arruda numa edição da Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1964, 167 pág.; *Walden ou A Vida na Floresta*, tradução de E.C. Caldas, Tecnoprint, Edições de Ouro, 1968, 350 pág. Sobre Thoreau existem: *Thoreau, o rebelde de Concord*, de August William Derleth, tradução de Vera Behring Delayti, Editora GRD, 1964, 168 pág.; *A Noite que Thoreau passou no Cárcere*, peça teatral de Jerome Lawrence e Robert E. Lee, tradução de Maria Clara Machado e Virginia Valli, Editora Lidador, 1974, 95 pág.; e *O Pensamento Vivo de Thoreau apresentado por Theodore Dreiser*, tradução de Lauro Escorel. Livraria Martins, 1943, 181 pág. Além desses existem várias edições em inglês e francês. Vá à Biblioteca Nacional e procure a letra T. Você vai gostar.